

# Paulo Henrique Britto – Scherzo

Ontem à noite, eu e você,  
em plena cumplicidade  
em vez de fechar as janelas  
como todo mundo faz  
deixamos as nossas abertas  
só pra ver o que ia dar.

Deu nisso:  
varreu as ruas um vento  
saído de nossas janelas,  
de dentro de nossas gavetas  
onde nós há tanto tempo  
guardávamos tempestades  
pra algum dia especial  
(que acabou sendo ontem).  
O vento levou pedaços  
de céu que atravancavam  
nossos sóbrios conjugados;  
enormes nuvens incômodas  
rolaram janela afora  
feito lerdos paquidermes  
e se esparramaram a valer.  
O ar fresco inesperado  
de nossos apartamentos  
causou transtornos na rua:  
os transeuntes, coitados,  
tossiam intoxicados  
por excesso de oxigênio;  
cambaleavam às tontas  
pelas calçadas vazias.

Fui eu o primeiro a jogar  
em baldes pela janela

a água clara que jorrava  
de fontes desconhecidas  
em áreas inexploradas  
sob a cama e atrás do armário,  
mas foi você quem soltou  
do alto do oitavo andar  
as primeiras plantas aquáticas,  
os peixes, répteis e aves;  
eu, porém, instituí  
o pelo e o viviparismo  
dos mamíferos essenciais.

E como as ruas já estavam  
inteiramente povoadas,  
e como já os postes da Light  
todos tinham evoluído  
em árvores colossais,  
e como ainda não eram  
nem três horas da manhã  
e já estava terminado  
o grosso da Criação,  
descemos até a rua  
em busca de um bar aberto.  
No primeiro que encontramos  
nossos milagres caseiros  
eram o assunto geral;  
e nós, sedentos e incógnitos,  
pedimos duas cervejas  
e ficamos contemplando  
sem espanto nem orgulho  
a grama tenra e miúda  
que brotava a nossos pés.

**Paulo Henrique Britto, Mínima lírica**